

SIM Galeria

A PARTE MALDITA: um esboço

Adriana Coppio | Cildo Meireles | Di Cavalcanti Gokula Stoffel | Lais Myrrha | Leonilson Maria Martins | Rodolpho Parigi | Schwanke Tunga | Victor Gerhard | Yuli Yamagata

curadoria *curatorship* Ricardo Sardenberg

abertura quinta 15 de agosto 19h - 21h 15 agosto - 28 setembro 2019

opening thursday august 15 7pm - 9pm august 15 - september 28 2019



são paulo rua sarandi, 113 a 01414-010 | são paulo | brasil simgaleria.com | @simgaleria info@simgaleria.com





SCHWANKE
Sem Título, déc. 1980
pintura sobre papel de jornal
painting on newsprint
díptico diptych, 114 x 136 cm cada each

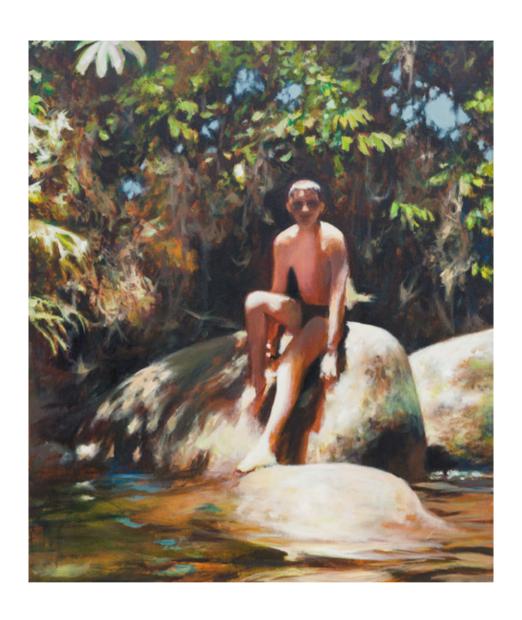




LAIS MYRRHA Estudo de caso Kama Sutra #2, 2019 guache sobre papel gouache on paper 32 x 24 cm







ADRIANA COPPIO Sem Título, 2017 acrílica sobre tela acrylic on canvas 70 x 60 cm



VICTOR GERHARD
Da série "Neon com ovos", 1981
impressão fotográfica
photographic print
28 x 38 cm





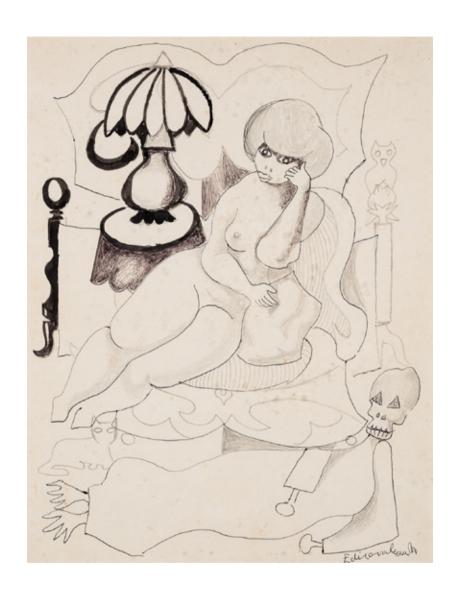
MARIA MARTINS Uirapuru, 1945/déc. 1980 bronze patinado patinated bronze 130 x 45 x 22 cm





RODOLPHO PARIGI Black Dimanche Saturday Metal, 2019 acrílica e óleo sobre poliéster acrylic and oil on polyester 190 x 200 cm





DI CAVALCANTI Mulher, caveira e abajour nanquim e grafite sobre papel china ink and graphite on paper 29 x 22,5 cm



LEONILSON Morto Pela Boca o Gato Sem Cabeça, 1986 óleo sobre tela *oil on canvas* 90 x 157 cm



CILDO MEIRELES Sem Título, 1976 pastel oleoso, acrílica, lápis cera, grafite e colagem sobre pape oily pastel, acrylic, crayon, graphite and collage on paper 70 x 50 cm





TUNGA Sem Título, 1995 carvão sobre papel charcoal on paper 50 x 37 cm





LAIS MYRRHA Estudo de caso Kama Sutra #3, 2019 guache sobre papel gouache on paper 32 x 24 cm



ADRIANA COPPIO Visitantes, 2017 acrílica sobre tela acrylic on canvas 40 x 30 cm





TUNGA Sem Título, 1995 carvão sobre papel charcoal on paper 37 x 50 cm



YULI YAMAGATA
Perna Robô, 2019
lycra, fibra de silicone, linha de costura, ferro, meia de algodão, tênis esportivo lycra, silicon fiber, sewing thread, wire, cotton sock, sport sneaker
160 x 31 x 21 cm







GOKULA STOFFEL Comendo meu juízo, 2019 tecidos variados, técnica mist assorted fabrics, mixed media 137 x 300 x 46 cm



A PARTE MALDITA: um esboço

"O pobre gosta de luxo" Joãosinho Trinta

"O 'luxo' coloca para a matéria viva e para o homem os seus problemas fundamentais" Georges Bataille

Em tempos tão conflituosos é difícil especular a razão, a força e a direção de tanta violência que está no ar. Embora vivamos em uma época singular —de acumulação de riqueza material como nunca antes na história da humanidade—, o ódio, o irracional e a vontade destrutiva estão na superfície, impregnando todas as coisas e sentidos prestes a explodir. Uma força, ou energia contida, norteia as relações sociais, as relações produtivas e as relações culturais. Ainda que, por instantes, nos reconheçamos uns aos outros, no momento seguinte parecemos transfigurados, decadentes, desumanizados, apartados uns dos outros, incapazes do gesto mais simples: a dádiva da troca sem compromisso —seja ela econômica, política, social e subjetiva— sem esperar nada em retorno.

Esta energia explosiva se caracteriza pelo imperativo produtivo. Tanto na criação, como no consumo, mas também nas nossas relações mais próximas e distantes, tudo se justifica por ser produtivo. O consumo produtivo, para dentro, que engole tudo que está ao seu alcance, numa acumulação desenfreada, é simultaneamente produção. Produzir e consumir para crescer. A fé de que podemos crescer indefinidamente por meio de uma acumulação incessante guia a nossa moral, a nossa ética e a nossa religião: o consumo é o nosso Deus.

Mas a maldição é que o crescimento não é infinito. Ao fim teremos que dispor dessa energia acumulada de forma improdutiva, desinteressada e avessa ao lucro. A ação mais revolucionária é aquela que simplesmente nega qualquer vontade, desejo ou obrigação de ser produtivo. O herético contemporâneo luxuosamente dissipa, ou dispensa, toda sua energia acumulada de forma *improdutiva*. Só assim é possível resgatar o jogo, o sexo, o sagrado, a arte, enfim, a vida. Só assim pode-se evitar a guerra total e aniquiladora que nos aparece no horizonte.

Na A parte maldita, —texto de onde extraí o título e a inspiração para esta exposição— Georges Bataille propõe e tenta dar conta desse fluxo contínuo de energia que "o sol dá sem nunca receber". O problema econômico na sua perspectiva, não é a escassez, mas o seu contrário, o excesso. O excesso de energia que paira sobre a superfície do globo, de onde retiramos as forças para poder crescer, mas que depois, ao alcançarmos a "maturidade", precisamos gastá-lo, sem nada receber. Em uma analogia com o corpo biológico, que cresce, se reproduz e morre, todo corpo ao completar sua fase de crescimento se torna um exercício de dissipações, de gastos, de dilapidações da energia que não pode mais ele mesmo consumir. Dissipar, dilapidar e gastar o excesso de forma improdutiva é a função da arte, do sexo, das festas, dos ritos, dos sacrifícios, e no fundo, isto é o "luxo que coloca para a matéria viva e para o homem os seus problemas fundamentais". Do contrário, só a guerra o fará.

O problema da exposição *A parte maldita* é um paradoxo, ou uma ambivalência, pois justamente propõe fazer sem acrescentar nada. Não como um ato de negação, mas pelo contrário, é um ato de afirmação. A partir de obras de arte que estão no mundo há muito tempo, ou que foram criadas para esta exposição —elas próprias aqui desapegadas de cronologias ou tradições— que evocam o dispêndio próprio do fato artístico; que só é arte se for inútil, e os temas dissipadores onde ela acontece: o jogo, o sexo e a morte.

É o luxo de gastar sem propor uma pesquisa da qual se retira algum conhecimento. Ou melhor, a exposição é como se fosse um ato sacrificial em que o conhecimento gerado seja ele próprio dissolvido, sem que reconduza às coisas subordinadas e manuseadas por ele, sem acréscimos. "O problema último do saber é o mesmo que a da consumação. Ninguém pode ao mesmo tempo conhecer e não ser destruído, ninguém pode ao mesmo tempo consumir a riqueza e aumentá-la", como bem escreveu Georges Bataille na *A parte maldita*.

Neste sentido a exposição é um ato de revolta, de insubordinação ao Ser produtivo, ao horizonte cataclísmico da produção e é, principalmente, um ga(e)sto improdutivo.

Nota

¹ BATAILLE, Georges. A Parte Maldita - Precedida "A Noção de dispêndio" ed. Autêntica, trad. Júlio Castaño Guimarães. Segunda edição revista. 2013.

THE ACCURSED SHARE: a draft

*"The poor people like luxury"*Joãosinho Trinta

"The 'luxury' presents living matter and mankind with their fundamental problems" Georges Bataille

In times of turmoil it is difficult to speculate the reason, the strength and the direction of the amount of violence that is in the air. Although we live in a unique time -of accumulation of material wealth without precedents in Humankind History—, the hate, the irrational and the destructive will are on the surface, impregnating all the things and senses about to explode. A strength or contained energy orients the social, productive and cultural relationships. Even if, for a few moments, we recognize each other, on the next moment we seem to be transfigured, decadent, dehumanized, separated from each other, incapable of doing the simplest gesture: the *gift exchange* without obligation —whether economical, political, social and subjective— without expecting anything in return.

This explosive energy characterizes itself by the productive imperative. Both in creation and consumption, but also in our closest and more distant relationships, everything is justified through being productive. The productive consumption, to the inside, which swallows everything within its reach, in unbridled accumulation, is simultaneously production. Produce and consume to grow. The faith that we can indefinitely grow through an incessant accumulation guides our moral, our ethics and our religion: the consumption is our God.

But the curse is that the growth is not infinite. After all we will have to use the accumulated energy in an unproductive way, disinterested and averse to profit. The most revolutionary action is the one that denies any will, desire or obligation to be productive. The contemporary heretical luxuriously waste or do without all his accumulated energy in an *unproductive way*. Only like this it is possible to rescue the game, the sex, the sacred, the art, finally, the life. Only like this it is possible to avoid the complete and annihilating war that appears to us in the horizon.

In *The Accursed Share*, -text from where I took the title and the inspiration for this exhibition- Georges Bataille proposes and tries to explain this continuous energy flow of "the sun, which dispenses energy - wealth - without any return". The economy problem in his perspective it is not shortage, but is contrary, excess. The excess of energy that hovers on the surface of the globe, from where we take the strength to be able to grow, but later when we reach maturity we need to spend it without any return. In an analogy with the biological body, which grows, reproduces and dies, every body when the growing phase is finished, becomes an exercise of waste, spent and squandering of energy that oneself can not consume. To dissipate, squander and spend the excess in an unproductive way is the function of art, sex, parties, rituals, sacrifices, and in deep, that is "the luxury that presents living matter and mankind with their fundamental problems". Otherwise, only war will do.

The problem of *The Accursed Share* is a paradox, or ambivalence, because it proposes exactly without adding anything. Not as a denial act, but on the contrary, an affirmation act. From works that have been in the world for a long time, or were created for this exhibition —themselves here detached from chronologies or traditions—that evoke the proper expenditure of the artistic fact; it is art only if it is useless, and the wasting themes where it happens: game, sex and death.

It is the luxury of spending without proposing a research from which it is possible to withdraw some kind of knowledge. Or rather, the exhibition is as if it were a sacrificial act in which the generated knowledge is itself dissolved, without leading back to the things subordinated and handled by it, without addition. "The ultimate problem of knowledge is the same as that of consumption. No one can both know and not be destroyed; no one can both consume wealth and increase it", as Georges Bataille well wrote in *The Accursed Share*.

In this sense the exhibition is a rebellion act, an insubordination to the productive Being, to the cataclysmic horizon of production and it is, mainly, an unproductive spent and gesture.

Note

¹ BATAILLE, Georges. The Accursed Share - *An Essay on General Economy*. Translated by Robert Hurley. Zone Books. New York, 1991



SIM Galeria

Com as portas abertas há 8 anos em Curitiba, a SIM Galeria nasceu do trabalho dos irmãos Guilherme e Laura Simões de Assis. A dupla cresceu sob a atmosfera da arte, na galeria do pai, a Simões de Assis Galeria de Arte, fundada em 1984.

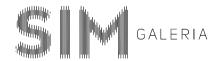
Dessa forma, a SIM agrega este legado histórico a uma gestão jovem e inovadora. Para atender às sofisticadas demandas que hoje os circuitos nacional e internacional exigem, a galeria busca processos de fomento de carreiras, ao apoiar e incentivar exposições de seus artistas em outros espaços dentro e fora do país, e de prospecção de mercados, ao participar de feiras importantes e ao estudo permanente de seus diretores sobre a cena contemporânea mundial.

Em 2018 inaugurou novo endereço em São Paulo, para amplificar a sua atuação no território nacional e no exterior. Com um elenco de artistas brasileiros e estrangeiros emergentes e consagrados, a galeria realiza mostras reflexivas e experimentais com curadores convidados. Em sua programação apresenta mostras individuais e coletivas, além de, paralelamente, desenvolver projetos educativos, entendendo a sua vocação também como um espaço para ampliar e aprofundar o conhecimento sobre a produção artística atual.

SIM Galeria opened its doors 8 years ago in Curitiba, through the agency and hard work of the siblings Guilherme and Laura Simões de Assis. They grew up in the art world, at their father's gallery: Simões de Assis Galeria de Arte, founded in 1984.

Thus, SIM is now connecting its historical legacy to a fresh and innovative management. In order to meet the sophisticated standards that national and international art scenes demand today, the gallery seeks to promote career development processes, by supporting and encouraging exhibitions of artists in other places in the country and abroad; exploring markets, attending fairs and engaging in solid study of the contemporary world.

In 2018, a new gallery was opened in São Paulo, to broaden the operations in Brazil and abroad. With a cast of emerging and renowned Brazilian and foreign artists, the gallery holds thoughtful and experimental shows with invited curators. Its programming presents both individual and collective exhibitions. In addition, the gallery carries out educational projects, understanding the mission to work also as a space to expand and deepen knowledge about current artistic production.



São Paulo

Rua Sarandi 113 a 01414-010 | São Paulo | Brasil +55 11 3062-8980

Curitiba

Al. Presidente Taunay 130 a 80420-180 | Curitiba | Brasil +55 41 3322-1818

info@simgaleria.com simgaleria.com